



O Jornalismo Literário na revista *Zum*: o interdiscurso em textos e imagens¹

Juliana Spitaliere²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, RS

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar a presença do Jornalismo Literário como interdiscurso em produções textuais e fotográficas da revista *Zum*, uma publicação do Instituto Moreira Salles sobre fotografia. Com a divulgação de materiais produzidos em caráter colaborativo, a revista conta com cruzamentos de olhares heterogêneos. Através da metodologia da Análise de Discurso (AD) francesa, busca-se perceber nuances do jornalismo e da literatura em textos e imagens. Tais identificações são baseadas em conceitos sobre Jornalismo Literário, fotografia e gênero revista. Os resultados da pesquisa corroboram para a proposição de um gênero denominado “Fotodocumentarismo literário”, que compreenderia a utilização de elementos documentais e literários na produção e veiculação de imagens.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Literário; Linguagem Fotográfica; Análise de Discurso; Interdiscurso; Revista *Zum*.

1 Introdução

Em uma rápida apreciação, é possível notar que a escolha de pautas e as abordagens escolhidas para discorrer sobre elas, distinguem a *Zum*, uma publicação do Instituto Moreira Salles sobre fotografia, de outros veículos do gênero revista. Grandes ensaios visuais, compostos por muitas imagens em tamanhos pouco usuais, acompanhados de longos textos, que parecem se posicionar como apêndices de tais obras, conferem à publicação um método distinto de transmissão de informação. Seria possível, no entanto, definir esta revista como um produto jornalístico? A princípio, tal pressuposto vê-se confrontado, principalmente em um julgamento estético, gráfico e organizativo. Fotografias históricas convivem harmonicamente com fotografias contemporâneas, assim como a fotografia jornalística relaciona-se com a fotografia de arte. Produções textuais de jornalistas mesclam-se a ensaios de arquitetos, cineastas, artistas plásticos, fotógrafos.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Graduada em Jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). E-mail: ju.spitaliere@gmail.com



Em exame mais íntimo, é possível verificar que a colaboração demonstra um cruzamento de saberes, interpretações, discursos. Narrativas são formadas, tanto pelo desenrolar de textos, capazes de ampliar realidades de maneira definitiva, quanto por imagens, posicionadas de modo a constituir cenários e narrativas, em perspectivas mais subjetivas. A partir desse ponto, desabrocha-se outro questionamento: se a *Zum* é mesmo um meio de comunicação informativo, seria sua produção, textual e imagética, fruto de um interdiscurso, entre o jornalismo e a literatura?

Tal investigação é apoiada em conceitos que circulam os discursos que possivelmente compõem o conteúdo dos textos e imagens. Tomam-se como base os conceitos do Jornalismo Literário e suas características, a fim de auxiliar na comprovação da existência de nuances jornalísticas e literárias no objeto; da fotografia como linguagem, os elementos que compõem sua maneira de transmitir sentidos e seus gêneros informativos, a fim de amparar o entendimento discursivo não-verbal das imagens da publicação; e do gênero revista e suas especificidades, a fim de ambientar e apresentar as peculiaridades editoriais da *Zum*. As respostas para as indagações que norteiam a presente pesquisa serão desvendadas através da metodologia da Análise de Discurso (AD), já que permeiam uma hipótese sustentada na interdiscursividade, relação que se estabelece no atravessamento de dois ou mais discursos. Com a definição do *corpus* (um ensaio, que contempla texto e imagens) elencam-se sequências discursivas de imagens e textos, pretendendo desvelar, a partir de cada uma, a presença de propriedades jornalísticas e literárias. O objetivo principal deste estudo, portanto, é verificar se a revista *Zum* pode ser considerada como exemplo de um gênero jornalístico, que inclui características tanto do jornalismo, quanto da literatura, não somente em seus textos, mas também em suas imagens. Ou seja, se o interdiscurso entre literatura e jornalismo pode ser percebido nessas duas materialidades.

2 Jornalismo Literário

Costuma-se compreender de maneira segmentada os preceitos do jornalismo, compromissado com a crua e pura verdade, e da literatura, apropriadora da ficção e do fantástico. Por vezes o desprendimento nato da literatura se utiliza de elementos reais, descrições de fatos comprovados e personagens comumente conhecidos. A inversão destas apropriações, no entanto, tende a se limitar sob um pilar fundamental do jornalismo: a versão ficcional da realidade é simplesmente inaceitável. Enquanto a



literatura se baseia na singularidade do discurso, na originalidade de criação e na atemporalidade da narrativa, o jornalismo compromissava-se com o factual, visto, preferencialmente, sob diversos ângulos.

Medel (2005, p.18) simplifica que “[...] a literatura se orienta para o importante e a informação jornalística para o urgente”. Já Castro (2005, p. 75), observa que “[...] o jornalismo trata dos mesmos dramas humanos que a literatura, só que através do filtro da rotina”, e que, quando consegue ultrapassar o olhar cotidiano, tende a transformar sua criação em obra de arte. A produção jornalística tende a ser coletiva, no sentido de que, além do repórter, nela podem intervir as relações com as fontes e a edição, enquanto a literatura permite uma maior expressão interior, “explorando diversas camadas de significação” (CASTRO, 2005, p.80).

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação, afinal o jornalista literário não esquece o que aprendeu no jornalismo diário tradicional, muito menos ignora suas técnicas narrativas, “[...] o que ele faz é desenvolvê-lo de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais” (PENA, 2008, p. 13). O jornalismo, como sistema aberto pode captar recursos de diversas áreas, conceituando gêneros. “O jornalismo absorve assim elementos do fazer literário, mas, camaleão, transforma-os, dá-lhes um aproveitamento direcionado a outro fim”, complementa Lima (1995, p. 138).

Como critérios para identificação da produção jornalístico-literária, Pena (2008) defende o que chama de “estrela de sete pontas”, pontos imprescindíveis em produtos do gênero: potencializar os recursos do jornalismo; ultrapassar os limites do cotidiano; proporcionar uma visão ampla da realidade; exercitar a cidadania; romper as correntes do *lead*, evitar definidores primários; objetivar a perenidade e a permanência.

O Jornalismo Literário, mesmo fugindo das amarras do *lead*, mantém princípios básicos, como a apuração e a observação. Contudo, tende a potencializar seus recursos com o uso de metáforas, experiências pessoais e narrativas mais detalhistas. O prazo não é o mais importante. A história não precisa estar fervendo para ser considerada, basta que seja relevante e que proporcione uma perspectiva extensa (de um recorte) do real. É ultrapassar as linhas e preocupar-se, também, com o espírito público – tão esquecido. É evitar que sempre os mesmos, ditos especialistas, tenham voz, é dar voz a personagens não tão ilustres. Considera-se a originalidade, a profundidade, a permanência e, por que não, a posteridade (PENA, 2008). Alguns traços básicos estilísticos também devem ser considerados como “[...] imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos,



digressão e humanização” (PENA, 2008, p. 105). Cremilda Medina (1986 apud LIMA, 1995) lembra que jornalistas conscientes introduzem às técnicas gastas determinadas formas experimentadas por artistas, entre elas o chamado repertório do receptor que, a partir da ordenação e aplicação correta da linguagem, consegue estabelecer um contato atrativo entre o texto e o leitor.

É evidente certo distanciamento da literatura no fazer jornalístico atual. São raras as publicações plenamente voltadas a utilizar técnicas literárias em narrativas do real. Por seu caráter experimental, subjetivo e, um tanto, artístico, o Jornalismo Literário ganha pouco espaço dentro dos processos norte-americanos, baseados na objetividade da pirâmide invertida. Aparentemente, há pouca motivação no incentivo ao consumo da linguagem jornalístico-literária, o que se assemelha a falta de encorajamento à apreciação de outro tipo de linguagem: a fotográfica.

3 Linguagem Fotográfica

Literatura: arte de compor trabalhos artísticos em prosa ou verso. Fotografia: processo de fixação de uma imagem que demonstra-se não só como arte, mas como transformador do caráter artístico geral. Há, intrinsecamente, uma forte semelhança e harmonia entre o fazer literário e o fotográfico. Para Cortázar (1993 apud SATO, 2005), por exemplo, cabe à literatura abrir perspectivas e a questão do narrar está absolutamente relacionada ao ato de fotografar.

E se “fazer jornalismo é fazer história, história do cotidiano” (SATO, 2005, p. 33), o casamento entre a literatura e o jornalismo comprova-se bem sucedido, à medida que a linguagem literária possui larga capacidade de complementar e abrilhantar as informações. Da mesma maneira, a arte fotográfica se apresenta como elemento essencial e relevante ao jornalismo. Um tanto distinta da criação literária, no entanto, a fotografia tende a prover indícios mais fiéis de uma realidade. Em um conceito já secular, desde seu surgimento, a imagem é aceita e utilizada como “testemunho da verdade”, por definição Kossoy (2009). Para o autor, sua veracidade seria representada, a partir do real, pelo olhar de seu autor. “A fotografia implica uma transposição de realidades: é a transposição da realidade visual do assunto selecionado, [...] para a realidade da representação [...]; trata-se, pois, também, de uma transposição de dimensões” (KOSSOY 2009, p.37). E, nesta época cada vez mais “carregada de apelos visuais”, como relembra Scalzo (2004, p. 70), a compreensão das possibilidades que a fotografia apresenta é de fundamental relevância.



Tanto a imagem, quanto o texto, possuem funções memorativas e expressivas – a fotografia de despertar e a escrita de descrever –, também um tanto ambíguas, porém com largo poder complementar. Quando um texto não é plenamente capaz de demonstrar suas informações ou dados, cabe à fotografia ratificar, e vice-versa. Porém, essa associação só é eficiente quando considerada a importância do aprendizado da leitura de imagens. As reações emocionais originadas por imagens geralmente são mais instintivas do que as advindas de textos, pois pulam a etapa do processamento imagético mental. Porém, a linguagem fotográfica, assim como a poética, por exemplo, por ser metafórica e simbólica, exige apreço, devotamento e afetividade.

Segundo Lima (1988), a linguagem fotográfica depende, basicamente, de duas categorias de usuários: emissores (produtores de imagem e veículos ou meios de comunicação) e receptores (leitores e/ou interpretadores). No caso dos receptores, para que leiam uma imagem é necessário que conheçam os elementos que a formam, já para que a interpretem dependem apenas de sua bagagem experiencial. Na linguagem fotográfica, os componentes valem o mesmo que as palavras na linguagem escrita/verbal. A leitura da imagem é, em sua maioria, realizada de maneira bidimensional e não linear, pois, diferente da linguística, a imagem não possui um código definido, nem forma metódica de decodificação.

Kossoy (2009) relembra que a imagem, por não ser inócua, é propícia a análises múltiplas, e que o processo de construção da interpretação é baseado no imaginário dos receptores. “Se, por um lado, o signo é produto de uma construção/invenção, por outro, a interpretação, não raro, desliza entre a realidade e a ficção. Tratam-se, [...] de processos de construção de realidades” (KOSSOY 2009, p. 140). No caso de imagens fotográficas utilizadas em meios de comunicação, é possível notar, constantemente, diversos processos de criação de realidades. Seja através de recortes, edições, posicionamentos, diagramação e composição ou mesmo pelo uso de textos de apoio ou legendas, as próprias publicações iniciam a interpretação, à medida que conduzem o leitor a um sentido ou mesmo a um significado final.

Para Sousa (2004, p.12), “a fotografia é ontogenicamente incapaz de oferecer determinadas informações”, logo, o fotojornalismo, por exemplo, como meio informativo, deve se valer da conciliação entre imagem e texto. Mesmo considerando informar como propósito primeiro, de restante o fotojornalismo trata-se de uma atividade cujas fronteiras não são claramente delimitadas (SOUSA, 2004). O próprio termo geralmente se confunde, aparentemente, com outro bastante similar: o



fotodocumentarismo. De modo geral, os gêneros existentes dentro do fotojornalismo dependem do contexto de sua utilização jornalística para serem identificados, delimitados, nomeados. E entre os empregos jornalísticos estão implícitos, principalmente, os processos de produção. Há uma atmosfera social impregnada no trabalho do fotodocumentarismo. A sensibilidade se permite aflorar à medida que o fotodocumentarista pesquisa, observa, visita e imerge no universo a ser explorado visualmente. O fotojornalista ainda é barrado pelo tempo, pelo agora. Enquanto o fotodocumentarismo se volta à perenidade, o fotojornalismo se preocupa com o factual. Não que o primeiro nunca possa evidenciar a imagem a partir de um acontecimento determinado, mas seu olhar geralmente se pauta nos entornos, “comos” e “porquês” do que propriamente no “quê” (SOUSA, 2004).

As encenações e técnicas diferenciadas de captação ainda sofrem rejeição de grandes veículos, principalmente pela demora do espectador na interpretação e aceção do conteúdo, e por seu caráter artístico. São poucos os meios de comunicação que se propõem a estimular o receptor a refletir sobre o potencial imagético, mas eles existem.

4 Zum: uma revista de fotografia

Visualmente mais sofisticada e “[...] com mais tempo para extrapolações analíticas”, segundo Vilas Boas (1996, p. 9), a revista surge, principalmente, para preencher os vazios informativos e criativos deixados por outros meios de comunicação. Um dos principais elementos de diferenciação entre as revistas e os demais veículos é a produção textual e suas especificidades. Trata-se de desvelar acontecimentos factuais, desmembrá-los para outras perspectivas, utilizando-se dele para discorrer sobre outros acontecimentos envoltos em um mesmo tema, geralmente através de métodos mais literários de escrita ou abordagem editorial. No entanto, a máxima “quem quer falar com todo mundo acaba não falando com ninguém” destacada por Scalzo (2004, p.49), justifica a criação de revistas direcionadas a públicos específicos, pois “[...] a segmentação por assunto e tipo de público faz parte da própria essência do veículo” (SCALZO, 2004, p. 14).

Como principal porta de entrada para uma publicação, a fotografia também é um elemento que se muda conforme o público-alvo. Segundo Scalzo (2004), em revistas podemos identificar pelo menos dois tipos de fotografias: o fotojornalismo, ou a fotografia produzida, e as reportagens visuais. Porém, independente de caracterizações, é muito comum que imagens sejam tratadas como elementos secundários em



publicações do gênero revista, servindo como apoio ou complementação a textos. As publicações segmentadas destinadas ao universo fotográfico, suas aplicações e significações, são relativamente recentes na história da imprensa. Atualmente podemos considerar pequeno o número de revistas brasileiras voltadas ao tema Fotografia, contemplando apenas as publicações impressas. O surgimento de veículos do gênero revista voltados a uma apreciação mais profunda da fotografia ajudam a revalorizar produções, a estimular a reflexão sobre o ícone e a potencializar o uso da imagem como linguagem, seja artística, informativa ou apenas como meio de expressão.

Neste cenário, encontramos uma revista que busca divulgar ensaios inéditos, ou pouco explorados, interessantes e ricos, que ajudam a propor debates relevantes sobre o universo fotográfico. Ou, em uma autodefinição (ZUM, 2011, p.7), “[...] um campo de debate para a fotografia contemporânea, aberto a todos os que apostam na reflexão crítica e enriquecida por outras áreas, como o cinema, a literatura e as artes plásticas”. Surgida em 2011, a revista *Zum*, escolhida como objeto de pesquisa do presente trabalho, é uma publicação semestral produzida pelo Instituto Moreira Salles (IMS), em São Paulo. Em uma breve descrição, a publicação apresenta ensaios fotográficos diversos acompanhados de artigos interpretativos redigidos por profissionais de diferentes áreas. Como definição editorial, os ensaios visuais escolhidos para a publicação não representam um portfólio dos fotógrafos, tratam-se de fragmentos não tão óbvios, nunca ou pouco explorados, até então, por veículos de comunicação.

Apesar de seu aspecto físico literário – assemelha-se bastante a um livro –, a *Zum* pode ser considerada uma revista pelas características em comum com o que autores como Scalzo (2004) e Vilas Boas (1996) definem como tal. O processo de produção e o modelo de funcionamento e fechamento, por exemplo, são o que mais caracterizam a publicação como um produto jornalístico. Notam-se, ainda, outros elementos bastante jornalísticos, principalmente com relação ao seu conteúdo textual. A utilização de técnicas literárias com o objetivo de fugir das amarras objetivas do texto é uma técnica, ainda que pontualmente desenvolvida, empregada pelo jornalismo.

Para Scalzo (2004), existem pelo menos três elementos que auxiliam na definição do gênero revista dentro do jornalismo, e tais componentes podem ser nitidamente observados na *Zum*: proximidade, pois desenvolve um conteúdo direcionado a um público (que aprecia fotografia); formato, pois, apesar de apresentar tamanho diferenciado, demonstra cuidado especial com o tipo de papel e de impressão, considerando cada artigo e ensaio visual; e periodicidade, pois por ser semestral,



permite uma maior dedicação à apuração e produção de conteúdo, além de um maior tempo de consumação pelo público.

Na revista *Zum*, mesmo que não haja um discurso pré-determinado é possível notar, tanto na produção textual, quanto na disposição das imagens, o atravessamento de discursos diversos. Tal percepção permite abrir caminhos para a realização da análise que permeia esta pesquisa: a de identificar dois tipos de discursos que compõem os textos e imagens da publicação, o jornalístico e o literário.

5 Definições metodológicas

A identificação do Jornalismo Literário como interdiscurso, em materiais verbais (textos) e não-verbais (imagens) da revista *Zum*, será realizada através da metodologia proposta pela Análise de Discurso (AD). Os resultados e conclusões dessa análise servirão de base para a proposição, pela autora, de um gênero ainda inexistente: o fotodocumentarismo literário. Tal formulação se baseará na utilização de técnicas literárias e jornalísticas para transmitir informação, principalmente, através de imagens, com o apoio de textos jornalístico-literários.

A AD se propõe a levantar questões sobre o que é produzido e consumido, armando uma relação “menos ingênua com a linguagem” (ORLANDI, 2000, p.9). Muito além da língua e da gramática, a AD trata do discurso, algo que remete a percurso, à palavra em movimento. Geralmente, através da língua se possibilita o discurso, no entanto, suas relações podem ser postas em cheque dependendo da prática discursiva, já que não existem ordens lógicas e totalmente organizadas – principalmente por parte do discurso, que apesar de sua regularidade e funcionamento se baseia também no subjetivo (ORLANDI, 2000). Apesar de colocar em questão a interpretação, a AD não estaciona nela, trabalha seus mecanismos como parte do processo de significação. Além disso, não busca encontrar uma autenticidade camuflada, pois “não há uma verdade oculta atrás do texto; há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender” (ORLANDI, 2000, p.26).

Os aportes teóricos da metodologia da AD apontam para o paradigma construcionista que, diferente do positivista, não crê que o jornalismo seja capaz de descrever a realidade como ela é, mas sim, que seja eficiente em uma construção subjetiva dessa realidade. Vale lembrar que um discurso resulta da relação entre vários discursos, mesmo normalmente sendo “dominado” por um. Estas interações acontecem através do interdiscurso, que se trata do “conjunto de formulações feitas e já esquecidas



que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2000, p. 33). O interdiscurso aborda a relação estabelecida entre discursos, do atravessamento de um determinado discurso em outro, uma composição através da existência de dois ou mais discursos que se dispõem de maneira transversal.

Normalmente, a Análise de Discurso é aplicada às pesquisas sobre produções verbais. São poucos os estudos voltados à análise de discursos não-verbais, ainda que esta vertente se apresente possível. Tal método se apresenta potencialmente eficaz na análise imagética, pois a AD “[...] pensada em duas dimensões, abarca o plano do verbal e do não-verbal.” (SOUZA, 1998, p. 2). Para se identificar os modos de significação de uma imagem, é preciso considerar a prática de interpretação da mesma, na busca de entender como ela se constitui em discurso.

É possível considerar diferentes noções a cerca da análise de imagens, entre elas as concepções de implícito e de silêncio. A primeira deriva de Ducrot (1975 apud SOUZA, 1998) e corresponde a ideia de que a imagem não tem responsabilidade de significar por ela mesma, apoiando seu discurso em outros elementos, como o verbal, ou mesmo a outro elemento não-verbal, que sugere um desfecho (significado). Baseado nesta ideia, Souza (1998) formula o conceito de policromia, onde os elementos constitutivos da imagem (luz, angulação, enquadramento, etc.) podem ser considerados como vozes de seu discurso, elevando a identidade da mesma. Já o silenciamento, deriva de Orlandi (1989 apud SOUZA, 1998, p.5), que pressupõe a “ausência total” de qualquer elemento que possa interferir no processo de significação, abrindo margem para quaisquer tipo de interpretação sobre uma imagem. Em imagens esta questão pode estar presente quando esta tende para gêneros mais subjetivos de enquadramento, gêneros que podem ser ou não informativos e que podem ou não transcender a técnica, mas que também apresentam elementos de análise. Desta forma, abre-se a possibilidade de entender os elementos visuais, oriundos da linguagem fotográfica, como operadores de um discurso fotográfico próprio, buscando comprovar que a interpretação de um texto não-verbal pode ser considerada em uma relação entre o olhar, as possibilidades de recorte e pelas formações sociais do sujeito-autor e do sujeito-espectador.

Apresentada como revista, e, portanto, um meio de comunicação impresso, a *Zum* pode apresentar discursos diversos que se relacionam entre si. Para a metodologia da Análise de Discurso, é preciso considerar, no entanto, que um desses discursos seja o “dominante”, ou o discurso primeiro. Toma-se como discurso predominante na *Zum*, para análise, o jornalístico, por identificar-se que, além de ser um objeto resultante de



processos de produção jornalísticos, a publicação apresenta-se como meio didático-informativo sobre fotografia. Entre uma gama de possibilidades, opta-se, nessa pesquisa, por identificar a presença de dois discursos, o jornalístico e o literário, a fim de apontar a existência de uma interdiscursividade, de tais discursos, nas fotografias e textos presentes na publicação.

A partir das premissas apresentadas, a análise se dará, inicialmente, no recorte do *corpus* do objeto escolhido. Contempla-se um ensaio (com texto e imagens), escolhido por sua capacidade de expressão dos conceitos textuais e fotográficos a serem considerados. Serão destacadas sequências discursivas (SDs), referindo-se a trechos verbais, no caso dos textos, e composições fotográficas não-verbais, no caso das imagens. As SDs serão comparadas a conceitos de Jornalismo Literário e linguagem fotográfica, cabendo apontar possíveis interpretações que possam se dar a partir desses. Destaca-se, novamente, a consideração de fotografias como sequências discursivas, passíveis de análise segundo seus elementos linguísticos, assim como nos textos.

6 Análise

O texto³ denominado “Alta Voltagem” é de autoria do jornalista norte-americano Arthur Lubow e discorre sobre a atmosfera de Nova York nos anos 1960, a partir de imagens do fotógrafo norte-americano Garry Winogrand. Seguem as sequências discursivas elencadas do material textual acompanhadas da respectiva análise.

Para um cronista da década de 1960, esses são os fatos óbvios, os elefantes da sala, e Winogrand não deixou de registrá-los, mas tomou conhecimento deles como dos cegos da fábula, pegando o rabo, as orelhas ou a tromba. (SD1)

Em 1950, quando Winogrand começou a fotografar, fazia três anos que ele, então com 22, deixara o exército. (SD2)

Tudo isso pode dar a impressão de que as fotografias de Winogrand são sempre amargas, quando na verdade, por frias que possam ser, muitas vezes são engraçadíssimas. (SD3)

Na retrospectiva da carreira de Winogrand organizada este ano pelo fotógrafo e escritor Leo Rubinfien, foi exibida pela primeira vez uma seleção desses trabalhos tardios. (SD4)

³ LUBOW, Arthur; WINOGRAND, Garry. Alta voltagem. **ZUM: revista de fotografia**, São Paulo, n.4, p. 66 - 85, abr. 2013.

Em uma análise aprofundada da obra fotográfica do americano Garry Winogrand, seu compatriota Arthur Lubow aproveita-se de recursos literários, particularmente, na comparação das imagens com narrativas significativas da literatura. Ao aplicar uma analogia entre a fábula “Os cegos e o elefante”, do poeta americano John Godfrey Saxe e a opção angular de Winogrand (**SD1**), demonstra que o fotógrafo foge às regras de captura do real e a factual, dando atenção às bordas, às margens do acontecimento, evidenciando que cada pessoa carrega consigo uma enorme bagagem experiencial e que esta é fundamental no momento da escolha da perspectiva do registro. Utiliza-se da representação do elefante como o palco de acontecimentos cotidianos, e seus membros, como bastidores do fato – muitas vezes ainda mais interessante que o próprio ocorrido. O recurso estilístico de equiparação, a fim de melhor explicitar um raciocínio, eleva a produção textual a um gênero como o Jornalismo Literário, onde “[...] é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação” (PENA, 2008, p. 15).

Mesmo resultante de um árduo e extenso trabalho de apuração e pesquisa, o texto jornalístico-literário carrega, sobretudo, o dever de gerar empatia no leitor. Um subgênero que se destaca nessa missão é o perfil, narrativa sobre um determinado personagem. Como sinaliza Vilas Boas (2008, p. 38), “o perfil tem grande relevância como produção jornalística, mesmo que meses ou anos depois da publicação”. Em sua produção, Ludow traz elementos dessa técnica ao esmiuçar detalhes sobre a vida de Winogrand e trazer subsídios que auxiliam na análise das imagens produzidas por ele. Detalhes sobre sua vida são levantados a fim de reproduzir a essência do fotógrafo e compreender melhor seu trabalho (**SD2**). Essas informações despertadas por Ludow apoiam o próprio autor a traçar percepções sobre as imagens e a conceber as escolhas angulares e os comportamentos através da lente, por exemplo (**SD3**).

Aparentemente a escolha dessa pauta está fundada em algo factual: a organização de uma exposição itinerante das obras de Winogrand. Mesmo assim, o texto ultrapassa esses limites, supostamente delimitados pelo jornalismo diário e tradicional. Contrariamente, neste caso, os ensaios textuais e imagéticos tomam a frente, deixando as informações que, em uma produção óbvia seriam parte do *lead*, para o final, como complemento (**SD4**). Como na quinta ponta da estrela do Jornalismo

Literário de Pena (2008), rompe as barreiras do *lead*, disponibilizando um olhar mais ampliado e documental.

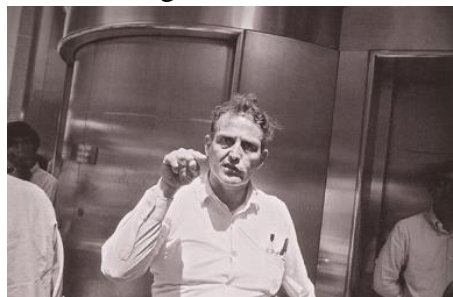
Seguem abaixo as imagens consideradas como sequências discursivas acompanhadas da respectiva análise.

Figura 1 – SD5



Fonte: ZUM (2013, n.4, p.76)

Figura 2 – SD6



Fonte: ZUM (2013, n.4, p.74)

Figura 3 – SD7



Fonte: ZUM (2013, n.4, p.75)

Como aponta Landow (2013, p.81), “no futuro, os historiadores que desejarem resgatar o clima da década de 1960 nos Estados Unidos, [...] terão uma excelente fonte de informações nas fotografias de Garry Winogrand”. Além da aura artística e documental, o ensaio fotográfico publicado pela *Zum* é pleno em seu poder informacional e histórico. Demonstra perenidade e posteridade, assim com o Jornalismo



Literário, que rompe duas das principais características do jornalismo contemporâneo, segundo Pena (2008): a periodicidade e a atualidade. Na mesma corrente do fotocumentarismo, demonstra se preocupar mais com o “como” do que com o “quê” (SOUSA, 2004). Também toma o fato como ponto de partida (assemelha-se ao caráter informativo-jornalístico), como quando captura uma senhora machucada, caída sobre uma calçada, no calor do acontecimento (**SD5**). Porém, extrapolando o episódio em si, cede espaço em seu registro para as reações daqueles que também observam ao redor (assemelha-se a estratégias literárias). A atenção desloca-se para as condutas dos transeuntes: uns que ignoram, outros que contemplam com cuidado, outros que sequer viram. Subjetivamente denota que o flagrante de um acidente, capturado como algo extraordinário, pode se tornar-se ainda mais relevante se atenção se voltar a seus contornos. Castro (2005, p.75) relembra que o jornalismo (e neste caso um aparente fotojornalismo) que consegue ir além do ordinário, pode ser conceituado como obra de arte, “[...] pois é também um trabalho de criação, da busca de um estilo, da descrição do patético, do trágico, do pungente, do humorístico, do comum e do extraordinário que os acontecimentos trazem consigo”.

O próprio Winogrand opta por outras formas de documentação, e, por vezes, provoca suas fontes fotográficas. Assemelha-se a uma das vertentes do jornalístico literário, o jornalismo gonzo, onde o estilo se posiciona à frente da verossimilhança e da fidelidade (PENA, 2008). O retrato de um homem que aponta para a câmera e encerra em seu rosto uma expressão supostamente negativa (**SD6**), leva a crer que o fotógrafo afetou de alguma maneira sua individualidade e privacidade, mesmo que expostas à luz da rua. Dessa forma, não importa o que tal homem estivesse fazendo, mas sim a reação que teve por conta da presença do autor da imagem. Da mesma forma, em outro registro, nota-se que a existência de Winogrand parece interferir na naturalidade dos acontecimentos. Dois jovens se beijam, enquanto uma terceira olha surpresa para as lentes (**SD7**). Assemelha-se muito ao conceito de jornalismo gonzo, pois “[...] a principal característica dessa vertente é escancarar a questão da impossível isenção jornalística tanto cobrada, elogiada e sonhada pelos manuais de redação” (PENA, 2008, p. 57). É bastante provável que, se o fotógrafo não estivesse presente (ou não se deixasse ser visto), a cena seria outra – e certamente o valor imagético de tal fotografia seria distinto.



7 Considerações

A análise realizada na presente pesquisa comprova que não só sua linha editorial, mas também seu conteúdo imagético e textual, relaciona-se diretamente com conceitos do jornalismo e da literatura. Através da metodologia da Análise de Discurso, foi possível constatar que os textos e as fotografias da *Zum* contam com um campo interdiscursivo, que permite atravessamentos de discursos jornalísticos e literários, e, portanto, podem alcançar diferentes níveis de apreciação por parte do leitor. Essa interdiscursividade, construída a partir do Jornalismo Literário, acarreta em qualidades inerentes a esse gênero jornalístico, como a potencialização de recursos narrativos, a visão amplificada da realidade, a quebra de técnicas tradicionais e definidores primários, além da perenidade e permanência do conteúdo (PENA, 2008).

Tal compreensão sobre a interdiscursividade do objeto, que permite transpassar diferentes conceitos, angulações e abordagens sobre um mesmo material, abre possibilidade para a proposição do gênero de “fotodocumentarismo literário”, que compreende em imagens características, já atestadas teoricamente, de dois gêneros consolidados (fotodocumentarismo e literatura). O gênero considera aspectos verbais e não-verbais, de produção e disseminação. Uma imagem, ou um conjunto delas, que podem ser enquadradas dentro desta caracterização, leva em conta aspectos não-verbais relativos a teoria acerca do fotodocumentarismo, como a possibilidade de olhar diferenciado e ampliado sobre um tema (SOUSA, 2004); as possibilidades de interpretação da fotografia como discurso, como a consideração da formação social do sujeito-autor na produção fotográfica e a policromia das vozes presentes nos elementos linguísticos da imagem (cor, angulação, luz, sombra, etc.) (SOUZA, 1998). Considera também aspectos verbais, na compreensão das imagens através de textos complementares com caráter jornalístico-literário, focados na abrangência informativa sobre um tema, sob uma estética mais artística (PENA, 2008).

Essa proposição surge a partir da identificação de tais características nas imagens da revista *Zum*, com suas peculiaridades e usos. Suas distinções podem ser fundamentais no incentivo à reflexão sobre fotografia proposto pela publicação. Ao disseminar imagens com tais atributos abre caminhos para um entendimento ampliado e baseado em experiências pessoais, ignorando práticas parafrásticas, que determinam uma linha de sentido e entendimento final. Destaca-se que nem uma imagem, nem um texto são discursos unívocos. Permite-se a assimilação de um conteúdo através da



valorização de conhecimentos diversos. Eleva-se o fazer jornalístico como forma de conhecimento, oportunizando uma construção coletiva de saberes.

REFERÊNCIAS

- BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 107-122.
- CASTRO, Gustavo. A palavra compartilhada. In: DE CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005 p. 71 – 85.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas – o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Unicamp, 1995.
- LIMA, Ivan. **A fotografia é a sua linguagem**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.
- MEDEL, Manuel Vázquez. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: DE CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005 p. 15 – 25.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2000.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2008.
- SATO, Nanami. Jornalismo, literatura e representação. In: DE CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005 p. 29 – 45.
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2004.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.
- SOUZA, Tania C. Clemente. Discurso e imagem: perspectivas de análise não verbal. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense**, Rio de Janeiro, RJ, ano 1, n. 1, 1998. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/240/128>>. Acesso em: 5 out. 2013
- VILAS BOAS, Sérgio. A arte do perfil. In: Revista Biblioteca EntreLivros. **Jornalismo x Literatura**. São Paulo: Duetto, 2008, edição especial n. 11, p. 38 – 41.
- _____. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo, Summus, 1996.
- ZUM: revista de fotografia. São Paulo: IMS, n.1, out. 2011.
- ZUM: revista de fotografia. São Paulo: IMS, n.4, abr. 2013.